

Título

Experiência estética e experiência cultural da arte. Algumas reflexões a partir de Valéry e Proust.

Resumo

No ensaio *Le problème des musées*, Valéry apresenta-nos uma reflexão, de tom melancólico e pesaroso, sobre uma experiência concreta: a visita ao Louvre e o confronto com a caótica sobre-acumulação do museu. Valéry inicia, com efeito, o seu ensaio com a seguinte confissão, introduzida como uma incisiva sentença: «Je n'aime pas trop les musées». Expondo-se no seu sentimento de desconforto, que o invade aquando da entrada no museu – sentindo-se sitiado pelo gesto autoritário que o impede de prosseguir com a sua bengala e pelo aviso escrito que o proíbe de fumar –, Valéry compreende que, por entre as diferentes obras, reina não mais do que uma fria confusão: trata-se de um tumulto de criações congeladas, cada uma delas exigindo que as demais não existam, uma desordem organizada de maneira estranha. Por entre os objetos oferecidos, como presas, à contemplação, sente-se um calafrio como que sagrado; falamos mais alto do que na igreja, mas mais baixo do que na vida. Não sabemos bem aos que viemos: adquirir cultura?; procurar prazer?; cumprir um dever e respeitar uma convenção? O cansaço e a barbárie coincidem no museu, constata Valéry. Nem a cultura do prazer nem a cultura da razão poderiam ter construído semelhante espaço – somente o cansaço e a barbárie: «Quelle fatigue, me dis-je, quelle barbarie!».

O lamento de Valéry apresenta como motivo a musealização da arte, perspectivada como pernicioso processo cultural/social que inflige a *morte* às obras, aniquilando a possibilidade da sua experiência estética. Em verdade, para Valéry, o carácter de duração da obra de arte consiste no seu *aqui e agora*, o momento plenamente presente; a experiência da obra afigura-se perdida quando descontextualizada de uma relação viva, marcada pela imediatidade entre contemplador e objeto. Valéry reclama tal dimensão de imediatidade que deverá sustentar a experiência estética. A ele, Valéry, interessa-lhe a obra pura como objeto de contemplação absoluta, sabática, não envolta por nada mais que não ela mesma. A obra pura encontra-se, assim, ameaçada pela indiferença neutralizadora que percorre o museu, espaço de sobre-acumulação de objetos. Verificada tal situação, o museu oprime Valéry. Trata-se, pois, de perspectivar, nas posições de Valéry, uma peculiar fé na arte como puro ser *em-si*, a qual se orienta no sentido de uma severa crítica à cultura que destrói esse mesmo ser *em-si* em virtude do seu desenrolar histórico; Valéry conhece, pois, o poder aniquilador da história sobre a produção e a experiência estética das obras de arte. Partidário de uma ideia de *absolutidade*

da arte, tal como o seu mestre Mallarmé, Valéry sustenta, com incomparável autoridade, o carácter objetivo da obra e a condição de contingência do sujeito contemplador – adquirindo tal conhecimento a partir da própria experiência do artista, da disciplina do trabalho do artista que produz a obra, entidade tomada como ontologicamente primeira.

Proust, debruçando-se sobre tal matéria, começa onde Valéry emudece: na *sobrevivência* das obras. A relação primária de Proust com a arte é contrária à da posição do especialista ou do produtor: Proust é o consumidor, o admirador – o *amateur*. Este, o *amateur*, encontra-se muito mais a gosto no museu do que o especialista ou o produtor. Este último – representado por Valéry, dir-se-ia – sente-se em casa somente no atelier; aquele, o *amateur*, passeia-se pela exposição. A sua relação com a arte possui algo de extraterritorial, como um diletante – até que tal relação se transfigure num novo gesto de criação e produção. Na obra de Proust, abundam passagens sobre arte que, pelo seu desenfreado subjetivismo, se afiguram próximas de uma certa conceção relativa à obra como núcleo de projeção de sentimentos – uma conceção, porventura demasiado ‘filisteia’, que Valéry não aprovaria. Correlativamente, importa compreender as considerações favoráveis de Proust acerca do museu (especialmente, em *A l'ombre des jeunes filles en fleurs*) segundo uma conceção de sujeito contemplador como elemento central, e não o objeto artístico. Aquilo que Proust identifica com o abruptamente subjetivo que, na contemplação da obra, potencia a irrupção da sua segunda vida – a mediação segundo a qual a obra se separa da realidade que a envolve e petrifica até à anulação –, apresenta-se como o elemento que emerge no contexto da experiência da obra no espaço do museu. Este momento de recetividade subjetiva da obra – esta inserção do objeto artístico no *movimento* da consciência – constitui, para Proust, não somente a ocasião de concretização de uma segunda imediatidade da mesma, mas, inclusivamente, o momento da sua produção, ou, pelo menos, do seu colocar-se novamente em *movimento*, potenciando-a com uma *segunda vida*, com a possibilidade de *sobrevivência*. Segundo tal subjetivismo, o momento de recetividade subjetiva da obra de arte determina-se como o elemento a partir do qual Proust pensa a possibilidade de abertura de fissuras na imanência da cultura que neutraliza o objeto artístico. Proust parece conhecer o antídoto para a situação cultural que Valéry lamenta: as obras de arte, introduzidas no movimento da corrente subjetiva da consciência do contemplador, renunciam à sua prerrogativa cultural, apresentando-se como que libertas de tal usurpação denunciada por Valéry.

Estas reflexões, que compõem o ensaio *Valéry Proust Museum* de Adorno, dão o tom à nossa comunicação e orientarão as nossas interrogações sobre a complexa aliança/contraposição *arte-cultura*: como conceber a arte enquanto fenómeno cultural? (Hegel; Belting); que noção

de cultura evocamos quando tratamos de arte? (Norbert Elias); como perspetivar a experiência estética enquanto contramovimento relativamente à cultura, à sociedade, ao estado de coisas existente? (Hugo Friedrich; Adorno; Belting).

Palavras-chave

Arte; Cultura; Experiência Estética; Valéry; Proust.

Bibliografia primária (inicial)

ADORNO, Theodor W. (1963) – *Valéry Proust Museum*. In *Prismen. Kulturkritik und Gesellschaft*. München: Deutscher Taschenbuch, p.176-189.

KARPELES, Eric (2008) – *Paintings in Proust. A Visual Companion to 'In Search of Lost Time*. London: Thames & Hudson.

PROUST, Marcel (2003-2005) – *Em Busca do Tempo Perdido*. Tradução de Pedro Tamen. Lisboa: Relógio d'Água, 7 vols.

VALÉRY, Paul (1960) – *Le problème des musées*. In *Œuvres*. Vol. II. Paris : Gallimard, p.1290-1293.

VALÉRY, Paul (1960) – *Triomphe de Manet*. In *Œuvres*. Vol. II. Paris: Gallimard, p.1326-1333.